



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RODRIGO BARBOSA DOMICIANO

**ENTRE A TERRA DA VAQUEJADA E A CIDADE DOS ARRANHA-CÉUS: A
TRAJETÓRIA DOS JOVENS DE COLÔNIA DO PIAUÍ NO TRABALHO DE
GESSEIRO EM SÃO PAULO 1996 - 2009**

PICOS-PIAUÍ

2021

RODRIGO BARBOSA DOMICIANO

**ENTRE A TERRA DA VAQUEJADA E A CIDADE DOS ARRANHA-CÉUS: A
TRAJETÓRIA DOS JOVENS DE COLÔNIA DO PIAUÍ NO TRABALHO DE
GESSEIRO EM SÃO PAULO, 1996 -2009.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvidio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Me. José Lins Duarte

PICOS-PIAUI

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

D669t Domiciano, Rodrigo Barbosa

Entre a terra da vaquejada e a cidade dos arranha-céus: a trajetória dos jovens de Colônia do Piauí no trabalho de gesseiro em São Paulo, 1996 -2009 / Rodrigo Barbosa Domiciano – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Me. José Lins Duarte”

1. História. 2. Migração. 3. Trabalho. 4. Juventude. 5. Colônia do Piauí. I. Duarte, José Lins. II. Título

CDD 307.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e nove (29) dias do mês de janeiro de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **RODRIGO BARBOSA DOMICIANO** sob o título **ENTRE A TERRA DA VAQUEJADA E A CIDADE DOS ARRANHA-CÉUS: A TRAJETÓRIA DOS JOVENS DE COLÔNIA DO PIAUÍ NO TRABALHO DE GESSEIRO EM SÃO PAULO 1996 - 2009**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte

Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 2: Prof. Ms. Jônatas Lins Duarte

Deliberou pela **Aprovação** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **8,5 (oito e meio)**.

Picos (PI), 29 de janeiro de 2021.

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

Agradeço a Deus, por ser essencial em minha vida, meu guia, socorro presente na hora da angústia, assim como a minha Mãe Elida, razão pela qual busco sempre dar o melhor de mim em busca dos nossos objetivos. Sou grato a todas as pessoas que estiveram ao meu lado e contribuíram para a realização desse sonho!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter iluminado o meu caminho durante esta trajetória.

Agradeço aos meus amigos que contribuíram, sempre me apoiando e incentivando o meu crescimento pessoal e profissional contribuindo diretamente para o meu desempenho, e mesmo diante das adversidades enfrentadas durante essa tarefa como graduando, incentivaram-me a me manter forte e focado no meu objetivo.

Agradeço a minha tia Ivanilda por me receber em sua casa, e me tratarem tão bem durante esses três anos que permaneci em sua residência, sem o seu apoio esse sonho não seria possível.

Em particular, gostaria de fazer um agradecimento sincero ao Professor Orientador José Lins Duarte, que com toda sua humildade e receptividade, sempre disposto a ajudar durante esse trajeto, facilitou o desenvolvimento da presente pesquisa, sempre com uma grande simpatia e profissionalismo.

E por fim, mas não menos importante, quero agradecer a minha família, meu vô José Constâncio e minha vó Maria de Lurdes, por sempre apoiar as minhas decisões e por me ensinarem tanto, sou grato por todo o amor que me deram. O passado guarda uma das melhores fases da minha vida, pois é nele que há a minha infância ao lado dos meus avós, uma vida simples, mas repleta de muitos ensinamentos e amor. Em especial agradeço a minha mãe Elida Maria, que desempenha papel crucial nessa minha caminhada, sempre prezando pelo meu bem. Ela que é meu pilar, minha inspiração para enfrentar todas dificuldades de cabeça erguida e sempre em busca dos meus sonhos, a senhora é minha força nos momentos de angustia é o motivo da minha felicidade.

A todos, minha eterna gratidão, essa conquista não é só minha, é nossa.

“Tudo isso faz bater um coração nordestino. Banho de chuva na biqueira, dindin de coco queimado, menino dependurado nos braços de uma parteira, manicure faladeira, o gado magro e mofino. Novenas para o divino, pedidos para chover tudo isso faz bater um coração nordestino. Pracinhas pra namorar, sem pular nenhuma etapa. Cachaça no bar da tapa, cantadores pra rimar, um forrozinho prá dançar que também é nosso hino.

Quer dançar? Eu lhe ensino até o suor descer. Tudo isso faz bater um coração nordestino. Quando a gente olha pro alto consegue enxergar a lua. Caminhar no meio d rua sem ter medo de assalto, um terreiro sem alfalto, sem concreto, clandestino e açude cristalino, um cheiro no bem que. Tudo isso faz bater um coração nordestino....”

(Bráulio Bessa, 2017)

RESUMO

Trata-se de um estudo acerca da trajetória de vida de uma parcela de jovens da cidade de Colônia do Piauí, que decidiram partir rumo a São Paulo e outras regiões em busca de melhores condições de vida. Tendo em vista a necessidade de evidenciar essa relação migratória, a presente pesquisa busca analisar as experiências vividas por esses colonienses no trabalho como gesseiros entre os anos de 1996 a 2009. Para que seja possível a consolidação da presente pesquisa, utilizaremos como teóricos como, Pesavento(2007),ROLNIK(1995),Morais(2007),Pollak(1992),Fontes(2008),Lindoso(2013),LaplantineTrindade(2003),Morais(2007) Brito,(2006),Gomes(2007),Meihy(2006),Moura(1999),dentre outros, que assumem sua relevância no diálogo quanto ao tema da presente pesquisa, além do referencial teórico, faremos uso da memória de alguns sujeitos, como Erivan Irineu de Sousa, Solimar Carlos de Sousa e Adjomar José Bezerra, colonienses que são essenciais para a composição da presente pesquisa, fazendo um diálogo entre teoria e memória através das experiências de vida desses indivíduos. A escolha desse recorte temporal e tema, baseia-se no fato que, nesse momento uma porcentagem significativa de jovens colonienses decidiram viajar em busca dos seus sonhos nas grandes cidades. Sendo assim, no decorrer deste trabalho, tentaremos responder a indagações tais como: Quais motivos levaram esses coloniense a deixarem sua cidade? Qual era seu imaginário sobre a cidade de São Paulo? Quais os aspectos positivos e negativos dessa migração para vida desses jovens? Essa análise é essencial para compreendermos as influências do povo nordestino além de demonstrar a luta por melhores condições de vida.

PALAVRAS-CHAVE: História. Migração. Trabalho. Juventude. Colônia do Piauí.

ABSTRACT

It is a study about the life trajectory of a portion of young people from the city of Colônia do Piauí, who decided to leave for São Paulo and other regions in search of better living conditions. In view of the need to highlight this migratory relationship, the present research seeks to analyze the experiences lived by these colonienses at work as plasterers between the years 1996 to 2009. In order to consolidate this research, we will use as theorists such as, Pesavento (2007), ROLNIK (1995), Morais (2007), Pollak (1992), Fontes (2008), Lindoso (2013), LaplantineTrindade (2003), Morais (2007) Brito, (2006), Gomes (2007), Meihy (2006), Moura (1999), among others, who assume their relevance in the dialogue regarding the theme of this research, in addition to the theoretical framework, we will make use of the memory of some subjects, such as Erivan Irineu de Sousa, Solimar Carlos de Sousa and Adjomar José Bezerra, colonienses who are essential for the composition of this research, making a dialogue between theory and memory through the life experiences of these individuals. The choice of this time frame and theme is based on the fact that, at that time, a significant percentage of young people in Colonies decided to travel in search of their dreams in big cities. Therefore, in the course of this work, we will try to answer questions such as: What reasons led these Coloni people to leave their city? What was your imagination about the city of São Paulo? What are the positive and negative aspects of this migration to the lives of these young people? This analysis is essential to understand the influences of the Northeastern people in addition to demonstrating the struggle for better living conditions.

KEYWORDS: History. Work Migration. Youth. Colony of Piauí.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Piauí.....	13
Figura 2 - Família Irineu no interior da cidade de Colônia,1990.....	15
Figura 1 - Almir organizando suas malas para viajar para São Paulo em 1995.....	21
Figura 4 - Almir em São Paulo residindo em um barraco,1995.....	25
Figura 5 - Membro da Família Irineu, exercendo a profissão de gesseiro,2005.....	27
Figura 6 – Requerimento de benefício por incapacidade.....	38
Figura 7- Auxilio doença por acidente de trabalho.....	39

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	Error! Bookmark not defined.
INTRODUÇÃO	4
1. A VIDA NO PIAUÍ - ENTRE A TERRA DA VAQUEJADA E A CIDADE DOS ARRANHA-CÉUS	13
1.1 Colônia do Piauí: cotidiano e economia: População e trabalho	13
1.2 Colonienses: entre a enxada e a desempenadeira.....	17
2. EM SÃO PAULO: LAMENTOS DE UM NORDESTINO	23
2.1 A chegada em São Paulo, desilusões.....	23
2.2 O trabalho	26
3. O RETORNO - DE VOLTA A MINHA FONTE DE ALEGRIA	35
3.1 As consequências para a saúde	37
3.2 As conquistas dos diretos trabalhistas	38
4. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS E FONTES	41

INTRODUÇÃO

A temática em torno da migração de nordestinos para os diversos cantos do país, sempre esteve em pauta, contudo no presente trabalho, busco analisar a trajetória, os aspectos positivos e negativos de ambos os lados nesse longo percurso. Além de evidenciar as dificuldades enfrentadas que fizeram com que saíssem mundo a fora. Por se tratar em grande parte de agricultores, dependiam das condições climáticas para ter uma boa colheita. É essencial destacar a necessidade de ajudar sua família, que na maioria das vezes era bem numerosa e vivia em condições bem humildes. Desde cedo tenho um apreço por esse tema, muito se deve ao fato de que presenciei muitas dessas viagens em busca de melhores condições de vida na grande metrópole, deixando para trás sua terra com a esperança de dar uma vida melhor para sua família.

Nesse sentido, faz-se necessário entender os fatores que impulsionaram a emigração de muitos nordestinos com ênfase na cidade de Colônia do Piauí, para trabalhar na cidade de São Paulo. Pretendemos relatar essa trajetória, possibilitando assim que compreender as perspectivas e decepções diante do imaginário e da realidade encontrada na cidade de São Paulo, entre os anos de 1996-2009. Esse recorte temporal e tema, baseia-se no ano em que muitos dos meus familiares, jovens colonienses saíram rumo ao sudeste, em busca dos seus sonhos na grande cidade. Procurei algo que fosse prazeroso por ser próximo a minha realidade.

A pesquisa que procuramos desenvolver, propõe uma discussão acerca da trajetória desses colonienses, mostrando o que realmente encontraram nessa transição do Nordeste para o Sudeste, abordaremos principalmente o trabalho com o Gesso¹. Essa análise é essencial para compreendermos as experiências vividas por esses colonienses longe de sua terra, além de demonstrar a luta desses, por melhores condições de vida. O desejo de trabalhar esse tema surgiu, diante da necessidade de demonstrar aos respectivos leitores o papel desses nordestinos que contribuem para a edificação das grandes cidades e muitas vezes passam despercebidos. Vivenciei no meu dia-a-dia, muitos amigos e familiares (tios, primos e muitos jovens da minha cidade), viajando

¹ O gesso é conhecido há muito tempo, sendo um dos mais antigos materiais de construção que exigem transformação no processo de obtenção, assim como a cal e o barro, esse material é utilizado em muitas construções, sua utilização se dá tanto nas paredes como nos forros, sua produção se dá, a partir do aquecimento gipsita, um mineral abundante na natureza, e posterior redução a pó da mesma. É composto principalmente por sulfato de cálcio hidratado.

para São Paulo em busca de trabalho, tendo como principal ofício o trabalho como Gesseiro². Ao se estabelecerem nesse local assimilavam muitas dos costumes dessa região e levavam também muito da cultura nordestina. Essas múltiplas relações enriquecem nossa cultura.

Para compor este trabalho foram utilizados referenciais como, Delgado (2003), Pesavento (2007), Rolnik (1995), Morais (2007), Pollak (1992), Fontes (2008), Lindoso (2013), Laplantine e Trindade (2003), Morais (2007) Brito (2006), Gomes (2007), Meihy (2006), Moura (1999), Alberti (2004). E assim, torna-se imprescindível para que possamos construir um trabalho consistente no que diz respeito aos objetivos dessa pesquisa, e assim, esses autores irão ajudar na construção das relações quanto ao tema proposto, possibilitando um diálogo entre os autores que discutem as relações migratórias e os fatores destacados nessa pesquisa. Já que se trata do uso da memória onde faremos um História das experiências de vida dos indivíduos por meio das entrevistas, é compreensível o uso de teóricos e fontes que venham a lucidar essa pesquisa.

Por se tratar do estudo da trajetória desses indivíduos, foi necessário realizar algumas entrevistas, com alguns desses gesseiros, sendo eles Erivan Irineu de Sousa, Solimar Carlos de Sousa e Adjomar José Bezerra, moradores colonienses que são muito importantes para enriquecer a presente pesquisa, fazendo um diálogo entre teoria e as experiências de vida desses sujeitos, garantindo a relevância que a leitura bibliográfica possui na composição de um estudo. Esses colonienses viajaram pela primeira vez por volta de 1996, rumo ao Sudeste em busca de melhores condições de vida para suas famílias.

Não obstante, o que se dá na verdade é que, em geral, quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista (THOMPSON, 1992. p. 255). Afirma-se então, que não foi o tema desse trabalho quem definiu os entrevistados, mas, suas histórias que procuraram esse texto para que fosse contadas, assumindo a importância de evidenciar o imaginário desses jovens sobre a cidade de São Paulo, bem como, demonstra a importância da mão de obra nordestina, na construção das grandes cidades.

² A tua em serviços de decoração, revestimentos, moldes e peças para projetos. Deve preparar ferramentas, equipamentos, materiais de acordo com os projetos. Instalam as peças de gesso em paredes, forros, painéis, entre outros

As entrevistas foram realizadas com três moradores da cidade de Colônia do Piauí, que fica localizada próxima a cidade de Oeiras. A escolha desses sujeitos, deve-se a proximidade dos mesmos com os objetivos dessa pesquisa, já que, por serem gesseiros bem conhecidos e experientes, possibilitam uma maior riqueza de detalhes. Dois deles, Erivan e Solimar viveram boa parte da sua infância na zona rural o que nos permite entender a vida na roça e suas dificuldades. Já Adjomar³ e mora na cidade, teve grande importância no reconhecimento dos direitos trabalhistas. Faço um paralelo entre zona rural e a cidade possibilitando vislumbrar as múltiplas relações sociais presentes nessa trajetória.

Um dos entrevistados Adjomar é da década de 1970, os outros dois da década de 1980. Adjomar também trabalhou como gesseiro, e ao ver as dificuldades enfrentadas por esses profissionais diante da falta de reconhecimento teve a iniciativa e mesmo diante de tanta dificuldade possibilitou esse reconhecimento e que tivessem direitos aos devidos benefícios, hoje não viaja mais para trabalhar, vive do que recebe com suas contribuições ao ir em busca dos benefícios dos gesseiros que procuram auxílio.

Um segundo gesseiro é, Erivan⁴ que morou bastante tempo em São Paulo, enquanto trabalha como gesseiro, conseguiu ajudar sua família através desse trabalho, construindo uma casa para os seus pais no interior e uma para si mesmo na zona urbana de colônia, onde se encontra morando. Viaja constantemente para trabalhar, mas assim que consegue ganhar um pouco de dinheiro, volta para sua cidade. Solimar.⁵ obteve muitas dessas conquistas, conseguiu ajudar seus pais, construindo uma casa para eles e ajudando financeiramente, além de construir uma casa para si mesmo no interior perto da casa dos seus pais. Hoje não trabalha mais como gesseiro, sofreu um rompimento dos ligamentos do ombro e em decorrência disso, recebe um benefício por incapacidade.

Destacamos que preservamos alguns dos traços linguísticos das entrevistadas, que fogem à norma culta e padrão da língua portuguesa. A partir da composição das entrevistas realizadas, é essencial perceber qual o intuito das perguntas, quais interesses carregavam para ter as trajetórias de vidas passadas e alocadas em um tempo presente como uma fonte que leva em consideração a memória associada à história e ao tempo. A

³ Adjomar Jose Bezerra, 49 anos, nascida em 01/05/1970, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, Solteiro, 9 filhos

⁴ Erivan Irineu de Sousa, 39 anos, nascida em 22/11/1979, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, solteiro.

⁵ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascida em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos.

memória desses homens formou essa dinâmica e construiu os principais objetivos desse texto, logo, é preciso entender o que é memória como uma ponte de acesso à pesquisa e a escrita.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis temporais, topográficas, individuais, coletivas dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida.⁶

Assim, a memória nos permite, por meio dessas entrevistas apresentar os sentimentos, as lembranças, as subjetividades, os registros, as saudades, comportamentos e com os depoimentos, o compartilhamento de histórias vividas para uma produção de conhecimento histórico. Tão logo, a memória assume sua heterogeneidade durante o processo vivido pelos indivíduos, trazendo consigo os múltiplos significados, as heranças históricas dos processos vivenciados tanto individuais, como coletivos, e para que essas sejam repassadas, utilizava-se a oralidade a fala, a voz e nesse sentido, vozes masculinas. A história oral assume um desafio para o historiador por se trata de uma história de constante transformação tanto nas relações sociais, culturais, econômicas e religiosa, enfim do ser humano e de das multiplicidades que cercam sua natureza. Esse estudo da oralidade nos serve como guia de depoimento responsável pelas expressões, e uma volta ao passado o fio condutor ao mesmo.

Entre os muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje.⁷⁸

A fala dos homens entrevistados vão dando a temporalidade de cada fato relatado sobre suas histórias de vida, que estão vinculadas aos depoimentos nos

⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, n. 6, p. 9-25, 2003.p16, p18.

permitindo, vislumbrar as significações dos acontecimentos, e com isso compreender que essa pesquisa, seja realizada de forma a evidenciar as sensibilidades e o imaginário desses jovens, entorno das suas vivências durante esse processo em direção a cidade de São Paulo. Nessa perspectiva as entrevistas citadas foram realizadas na residência dos entrevistados. Esses passaram a informar os acontecimentos vividos durante essa trajetória do nordeste para o sudeste, tornando colaboradores essenciais para a escrita dessa monografia, dando ênfase as suas experiências, suas narrativas históricas e sobretudo respeitando as suas visões pessoais, distorções, silêncios e até omissões. Essa relação assume uma relevância crucial para compreendermos as influências desses eventos nas vidas de muitos nordestinos.

Seguindo essa perspectiva é essencial utilizarmos alguns autores e suas respectivas obras como François Laplantine e Liana Trindade na obra “*O que é Imaginário*”, onde por meio das análises a respeito dos conceitos de imagens, imaginário e símbolo nos permite vislumbrar um pouco da relação imaginária estabelecida por esses jovens. Para dialogar com esse assunto utilizaremos obras como as de Sandra Jatahy Pesavento “*Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*” a autora fala de cidade que foi desde de cedo reduto de uma nova sensibilidade.

A representatividade dessa cidade de forma escrita, ou falada, as significações que permeiam esse processo de identificação e assimilação identitária com os locais onde se habita. A relação imaginária por trás dessas cidades reais, concretas, visuais, tácteis. Por meio dessa perspectiva associarmos o imaginário e a representatividade da cidade de São Paulo para os nordestinos. As fontes a serem analisadas, além das obras já citadas como Deleuze e Guattari, também assumem sua relevância nas temáticas úteis para o presente trabalho, pois, discutem sobre a “*Desterritorialização*” permitindo vislumbrar as múltiplas vertentes desse conceito territorial, desde o seu sentido geográfico até o psicológico.

Eles tratam da relação dos seres com sua localização e a significação que atribuem diante das subjetividades de suas ações e vivências nesse território. É possível compreender a multiplicidade de representações que os indivíduos atribuem a sua localização, partimos desde fatores sociais e culturais. A partir dessas perspectivas iremos tratar das relações territoriais enfrentadas pelos nordestinos que saem do seu território de origem rumo as incertezas de uma vida na cidade grande. Assim,

pretendemos traçar as significações atribuídas durante essa relação migratória as divergências entre o sudeste e o Nordeste.

Simplificadamente podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território no primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação. A desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento dereterritorialização. Esse movimento concomitante de desterritorialização e reterritorialização está expresso no “primeiro teorema” da desterritorialização ou “proposição maquínica”.⁹

Para que possamos perceber os motivos, que fizeram com que esses jovens colonienses saíssem do Nordeste para o Sudeste, É essencial a tese de Doutorado de Diego Pereira Lindoso sobre *“Vulnerabilidade e Adaptação da Vida às Secas: desafios à sustentabilidade rural familiar nos Semiáridos nordestinos*, onde nesse trabalho ele busca esmiuçar os velhos problemas da seca no semiárido brasileiro, sobre novas abordagens políticas científicas, a adaptação à mudança climática, o desenvolvimento sustentável e convivência com o Semiárido.

Iremos compreender como essa situação climática, afeta a vida das famílias nos sistemas rurais, bem como, as adaptações necessárias para sobreviver nesse semiárido. Essa tese, possibilita compreendermos as dificuldades climáticas enfrentadas pelos nordestinos, que diante dessas condições eram obrigados a saírem para trabalhar em outros estados. Essas relações climáticas são evidenciadas durante os depoimentos dos gesseiros entrevistados, sendo como um dos principais fatores para as condições de vida difícil para os moradores das zonas rurais que dependendo de uma boa colheita para subsistência.

O artigo de Sueli de Castro Gomes *“Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos*, também é base para percebermos um pouco desse processo migratório dos nordestinos. A autora procura no seu artigo, mostrar que esses processos compõem um dos maiores fluxos de produção territorial nacional. Além de evidenciar essa mobilidade para poder perceber como se dá a inserção e a

⁹ HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 7-22, p8.2002.

permanência desses migrantes na cidade de São Paulo, tendo como principal relação comercial os retalhos. Esse artigo assume importância, pois nós permitimos entender como se dá essa inserção do povo nordestino nessa cidade, bem como, as relações comerciais estabelecidas durante esse processo, e assim, fazer um paralelo com o fluxo migratório colonienses para o trabalho com o gesso.

A imagem do Nordeste passou por um processo de construção, que atendia os interesses econômicos das elites nordestinas e interesses de grupos agrários e industriais de São Paulo (PAIVA, 2004). A representação do Nordeste associada ao atraso, à pobreza, à miséria, e na outra ponta, o Sudeste, que representava o motor da economia, a imagem da modernidade, camuflou a dinâmica regional que permite a compreensão da mobilidade dos nordestinos para São Paulo¹⁰.

A dissertação de mestrado de Soraya Cristina de Moraes, *HIBRIDISMO CULTURAL: frente e verso dos ritos de passagens dos migrantes piauienses*, essa pesquisa é essencial na composição da presente monografia, para nos permitir compreender os elementos culturais de um grupo de cinco piauienses que migraram para a cidade de São Paulo e depois de alguns anos decidiram voltar para suas raízes no Piauí. A autora busca analisar esse corte simbólico da raiz realizado pelo processo migratório, tendo várias imbricações culturais que nesse trabalho ela busca vislumbrar por meio das perspectivas através das representações sociais, imaginário urbano, identidade, o olhar do outro, memória sensibilidades.

Utilizaremos as músicas “Lamentos de um Nordestino” e “A carta”, composição musical do cantor e compositor Francis Lopes, piauiense de Santo Inácio do Piauí, nasceu na localidade Patos. Essas músicas expressam aspectos da vida árdua do nordestino que tem que deixar para trás sua família e sua terra para ir em busca de trabalho em São Paulo. Essa produções musicais, estão diretamente ligadas aos objetivos do presente trabalho ,pois, trata justamente das dificuldades encontradas no Piauí que fazem com que muitos e muitos nordestinos saiam para outros estados ,em busca de melhores condições de vida, e ao chegar nessa grande cidade, se deparam com algo diferente do seu imaginário.

Além dessas produções musicais, autores e obras citados, utilizaremos outras fontes para compor essa monografia, possibilitando a escrita de um trabalho que venha a

¹⁰ GOMES, Sueli de Castro. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos. *Imaginário - USP*, 2006, vol. 12, no 13, 143-169

nos permitir compreender a trajetória e o imaginário desses nordestinos sobre a cidade de arranha-céus, evidenciando assim desde a sua vida aqui no Nordeste e as dificuldades que fizeram com os mesmos fossem para São Paulo, além dos aspectos positivos e negativos desse processo migratório. Esses jovens contribuíram e contribuem para a construção das grandes cidades, vejo como algo essencial poder evidenciar essa importância da mão de obra nordestina para o desenvolvimento do nosso país. Portanto fica claro que na presente pesquisa que pretendemos evidenciar o imaginário desses jovens sobre a cidade de São Paulo, além de possibilitar aos leitores entenderem a importância desses nordestinos para a edificação das grandes cidades durante toda a história.

O piauiense, ao optar ou decidir vivenciar em um espaço urbano, que sempre foi sinônimo de mercantilização, depara-se com falas, modos e gestos que diferem dos comportamentos grupais com os quais estava familiarizado. Passa, então, a conviver, de forma intensa, com vários recortes de classe, etnia, raça, gênero e (fundamentalmente) de culturas. Nessa teia sociológica, expressa-se uma integração ou uma segregação, dependendo da experiência de cada um, seja no local de trabalho, em espaços públicos, ou até mesmo nos locais de moradia.¹¹

Nesse primeiro momento denominado, A vida no Piauí - “Entre a Terra da Vaquejada e a cidade dos arranha-céus, iremos abordar o cotidiano desses jovens colonienses, como viviam e quais dificuldades enfrentavam que contribuíram para que migrassem para outro estado, ansiando por condições de vida no período entre 1996 e 2009. Tentaremos compreender os sentimentos e emoções que sucederam esse primeiro momento conato com o “diferente”. Iremos falar das sociabilidades dessa cidade, das condições socioeconômicas, de como era o dia a dia, para, assim, se chegar nas dificuldades e entender o que motivou a saída de tantos jovens, para tentar a sorte no Sudeste. Vamos vislumbrar o cotidiano, estabelecendo uma visão sobre quais dificuldades enfrentavam, na terra natal, devido à falta de emprego e a necessidade de ajudar a família. Por morarem na zona rural e viverem da agricultura, dependiam de um bom período de chuvas, para ter uma boa colheita e assim, ter condições de se manter e manter sua família. Nessa mesma perspectiva evidenciaremos as dificuldades enfrentadas no semiárido, fatores contribuintes para a migração rumo a outros estados, com o intuito de trabalhar como gesseiros, possibilitando assim, percebermos qual era o imaginário desses jovens sobre a cidade de São Paulo ao estabelecerem esse primeiro

¹¹ MORAIS, Soares Cristina de. hibridismo cultural: frente e verso dos ritos de passagens dos migrantes retornados piauienses. _____Teresina, 2007.101 f.

contato nessa nova cidade. No segundo momento, em São Paulo - “Lamentos de um Nordestino”, iremos entender o momento em que, esses colonienses chegaram em São Paulo, e se depararam com algo divergente ao seu imaginário, enfrentando muitas dificuldades adaptativas, sociais, quanto às condições de trabalho e principalmente a saudade da sua terra. Nesse capítulo, vamos abordar as dificuldades enfrentadas por esses migrantes, ao chegarem na cidade grande em busca de trabalho, dificuldades desde as más condições nos barracos onde moravam, dificuldade para aprender o trabalho com o gesso, e principalmente a saudade de sua terra e dos familiares que haviam deixado no Nordeste. E a partir dessa análise poder entender os fatores adaptativos, sociais e a sensibilidade desses jovens. Além de vislumbrar os benefícios que o trabalho com o gesso proporcionava a esses colonienses que saíam da sua terra com o coração cheio de incertezas e saudade rumo a cidade dos arranha-céus.

No Retorno - De volta a minha fonte de alegria, vamos analisar a trajetória desses migrantes de volta a cidade de colônia do Piauí, com o intuito de demonstrar as conquistas e os pontos negativos que essa vida do trabalho com o gesso, longe da sua terra, proporcionou a esses colonienses. Nesse contexto evidenciaremos a contribuição da mão de obra nordestina na edificação das grandes cidades, dando ênfase a cidade de São Paulo destino de muitos migrantes da região nordeste. Iremos apontar as conquistas, como conseguiram ajudar suas famílias e quais os aspectos negativos de ter que deixar a sua cidade muito jovem, sem muita maturidade para enfrentar as responsabilidades de um adulto, longe de casa. E por fim, destacar como se encontram hoje, após essa vida nas estradas, escrevendo suas histórias através do trabalho como gesseiros na cidade de São Paulo.

1. A VIDA NO PIAUÍ - ENTRE A TERRA DA VAQUEJADA E A CIDADE DOS ARRANHA-CÉUS

1.1 Colônia do Piauí: cotidiano e trabalho

Localizada em uma região de clima quente, vegetação predominante de caatinga e com chuvas escassas durante praticamente todo o ano, foi assim que a cidade de Colônia do Piauí cresceu e se expandiu ao longo dos anos. Atualmente essa notória cidade piauiense, conta com uma população estimada em 2018 de 7.651 habitantes. Possui uma área de 947,879 km².

Figura 3 – Mapa do Piauí



Disponível em :[http:// google.com.br/maps](http://google.com.br/maps). Acesso em: 03 jun. 2019.

Colônia do Piauí é um município do estado do Piauí, emancipado no dia 29 de abril de 1992. Essa cidade é conhecida como "A terra da vaquejada", pois tem a vaquejada mais antiga do estado, foi fundada em 1976, é sempre comemorada no mês de julho, assim como a tradicional festa de vaqueiros iniciada em 1971. Seguindo as perspectivas de grande parte das cidades piauienses, colônia do Piauí tem sua economia voltada para a agricultura e a pecuária, fatores que contribuem para movimentar o comércio local.

A maioria da população se encontra na zona rural, que por se tratar de uma cidade interiorana, tem como principal propulsor do comércio e da economia local os produtos agrícolas produzidos nos arredores, consumidos durante a feira que se estabelece aos sábados no mercado local. Colônia do Piauí, assim como grande parte das cidades Piauienses possui, influência da agricultura e pecuária no seu processo de formação. A população da zona rural dependia de um inverno bom para que tivessem uma boa colheita e assim, pudesse manter a sua família. Porém as condições impostam pelo clima no semiárido nordestino traz para quem vive da terra, muitas incertezas.

As chuvas são escassas e a seca quando prolongada, faz com que essa vida na zona rural, seja para quem tem sangue nos olhos e coragem para pegar a enxada. Nos anos de 1990 não era diferente, quem dependia de um bom inverno para ter o que comer, clama ao Senhor por chuva, ansioso para ser atendido. Esses jovens aqui analisados, viviam na zona rural, ajudavam seus pais na roça desde muito pequenos, com o passar do tempo percebiam que para quem vivia da roça, as coisas estavam ficando cada vez mais difíceis, poucas chuvas e secas cada vez mais prolongadas. A partir do depoimento do gesseiro Erivan Irineu de Sousa, morador de colônia do Piauí que trabalha com o gesso a um bom tempo, teve viveu sua infância no interior e na sua adolescência, diante das dificuldades financeiras foi para São Paulo afim de trabalhar com a profissão que exerce atualmente. O trecho abaixo evidência as dificuldades enfrentadas.

A falta de emprego era muito grande, eu tinha que sair daqui pra ganhar a vida em São Paulo, porque aqui, o emprego era muito difícil, era não, ainda é difícil, na roça só mesmo pra se manter, porque pra ganhar dinheiro aqui mesmo é muito difícil, a falta de emprego aqui é demais. Hoje em dia, a roça num mantém mais ninguém não. Na época que sai daqui pra SP, tinha 16 anos, mais a gente tem que sair, tem que sair rapaz, aqui num dá pra gente sobreviver só de roça, não

tem como não, tem que sair pelo mundo mesmo pra ir em busca de melhoras.¹²

Suas famílias assim como esses jovens, dependiam do que tiravam da roça para se manter, e como fica claro a partir das palavras de Erivan Irineu de Sousa, as condições no campo não estavam favorecendo uma boa safra para esses moradores da zona rural. Esse é um dos fatores que impulsionou o deslocamento, já que, a agricultura vinha perdendo êxito devido as condições climáticas, que não favoreciam a produção. Na cidade não tinha emprego, alguns tralhavam em estabelecimentos comerciais, no entanto, como a cidade era particularmente “nova” não tinha tantos estabelecimentos comerciais

Figura 4 – Família Irineu no interior da cidade de Colônia, 1990.



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Irineu de Sousa.

¹² Erivan Irineu de Sousa, 39 anos, nascido em 22/11/1979, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, solteiro, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 01 de outubro de 2019.

É possível evidenciar através da figura acima, como eram compostas boa parte dos grupos familiares colonienses na década de 1990. As famílias eram bem numerosas, essa composição por ser bastante grande, fazia com que conseqüentemente houvesse mais trabalho e como as condições climáticas não favoreciam o plantio e conseqüentemente uma boa colheita, enfrentavam bastante dificuldades financeiras, no que diz respeito a escolarização dos seus filhos. O que fazer diante da falta de emprego e das dificuldades climáticas para a vida no campo?

Durante década de 1990, alguns colonienses que deixaram a cidade em busca de emprego, começavam a ganhar dinheiro em São Paulo, exercendo o trabalho de gesso, que consiste em aplicar o material gesso, produto que reveste grande parte das paredes e tetos das casas hoje em dia. Esse tipo de atividade estava chamando a atenção, e impulsionou esse fluxo migratório, pois, possibilitava que jovens sem muita escolaridade, ganhassem um dinheiro considerável, a curto prazo, permitindo uma melhor condição para ele e sua família, que tinha ficado no piaui. Diante dessa euforia, ao ver colegas indo trabalhar na cidade grande e conseguindo ganhar dinheiro mesmo sem ter nenhuma formação profissional, alguns jovens colonienses começaram a migrar para São Paulo. É essencial destacar que quando decidiam ir, já tinham pessoas dispostas a ensinar e auxiliar esse jovem a aprender esse ofício.¹³

Quando o cara via os caras chega tudo comprando moto e roupa, ficava doido pra ir também. Tive que deixar pra trás minha família, nem meus estudos terminei, nem tinha como estudar, porque tinha que ajudar pai na roça, num tinha como estudar não, nesse tempo pai tinha um gado de uma rapaza ai, daqui eu tinha que ir deixar esse gado todo dia no laranjo de manhã, ai quando chegava num dava tempo ir pra escola, de tarde tinha que ir buscar, tinha que sair daqui duas horas, era difícil.¹⁴

¹³ Aglomerante é um material ativo, ligante, em geral pulverulento, cuja principal função é formar uma pasta que promove a união entre os grãos do agregado. São utilizados na obtenção das argamassas e concretos, na forma da própria pasta e também na confecção de natas (RODRIGUES & FREITAS, s/d). O gesso pode ser usado nas paredes divisórias, no forro e até nas paredes estruturais de uma obra – por isso cada vez mais existem habitações levantada em gesso, sem nenhum tijolo e sem cimento, ou melhor, só a base permanece utilizando alvenaria que é clássica, a partir dela as paredes são erguidas com blocos de gesso que se encaixam perfeitamente, economizando tempo e dinheiro.

¹⁴ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019.

É possível observar a vida árdua desses jovens, pois, de acordo com Solimar Carlos de Sousa, a necessidade de ajudar seus pais com o trabalho na roça, impossibilitava que tivessem muito tempo para os estudos. Nesse ponto, fica perceptível os múltiplos motivos que levaram a ida de tantos piauienses para São Paulo, em busca de trabalho é melhores condições de vida, e como as dificuldades enfrentadas durante essa jornada, influenciaram nas suas vidas.

Por se tratar, em grande parte de pessoas da zona rural, como expliquei anteriormente, dependiam da agricultura para sobreviver, e as condições não são favoráveis; períodos de secas mais prolongados, falta de alimentos para os animais criados para a alimentação e venda. Além desses fatores ainda tinha a questão da cidade em si, não oferecer emprego para esses jovens, por se tratar de uma cidade pacata e interiorana.

Há muitas situações que impulsionaram esse processo migratório na cidade de colônia do Piauí, desde as questões climáticas devido à falta de chuva dificultando a vida de quem dependia da terra para sobreviver e sustentar sua família, o fato de que a cidade por ser bastante pacata não tinham tanto desenvolvimento para gerar emprego que suprisse as necessidades dessa população jovem, além do fato de que o trabalho com o gesso possibilitava um dinheiro “rápido” sem ter que estudar nem passar por nenhuma especialização para exercer tal ofício. E assim, muitos jovens começaram a ir para a cidade dos arranha-céus. Esse trabalho como gesseiro possibilitava uma renda entre 5 e 7 mil reais por mês, algo que se tornava bem atrativo para adolescentes que sequer, tinha terminado o ensino fundamental e viam a possibilidade de ganhar um dinheiro considerável em relação a realidade na roça, sem ganho algum plantando somente para a subsistência.

1.2 Colonienses: entre a enxada e a desempenadeira

Diante da euforia para ir ao sudeste, esses jovens tinham que lidar com as incertezas dessa nova jornada e a dor de ter que deixar sua família para trás. As dificuldades não estavam só no fato de ir para uma nova cidade, havia a parte mais dolorosa, que era deixar a família para trás, e ir em busca dos seus sonhos. Sair de casa sem saber quando irá retorna, estar ciente, que muito depende do seu empenho quando

estivesse fora, pois, já não poderá ajudar sua família na roça. Agora terá que traçar outros caminhos com o peso de deixar para trás, amigos, irmãos é principalmente mãe e pai. Mas, para aqueles que não tinham muita expectativa na vida rural, essa decisão por mais difícil que fosse, era a mais coerente. Ir para São Paulo levando na bagagem, muita saudade é esperança de uma vida melhor.

Nesse ponto faremos um comparativo dessas migrações em busca dos sonhos, com a música “Lamento de um nordestino” do cantor, compositor Francis Lopes.¹⁵ Nessa música faz uma descrição sobre o nordestino que sai do Nordeste para o Sudeste em busca de trabalho assumindo assim uma relação essencial para a composição da presente monografia. Observamos uma parte dessa música para poder compreender essa importância e relação com o presente tema:

Só Deus sabe o quanto sofre um nordestino
 Que vê seu sonho de menino
 Se acabando pelo ar

Ele sofre quando tem que ir embora
 A família toda chora
 Mas não pode mais ficar

Entra no ônibus de coração partido
 Sabe que vai ser sofrido
 O mundo da desilusão

Ele reza e pede pra nossa Senhora
 Guiar sua sorte agora
 Entrega a vida em suas mãos

Eu sei que vou, vou pra São Paulo
 Mas vou deixando a minha fonte de alegria
 Deus por favor, me dê trabalho
 E a esperança de poder voltar um dia..¹⁶

¹⁵ Piauiense de Santo Inácio do Piauí, nasceu na localidade Patos, hoje pertence ao município de Floresta do Piauí. É filho de seu Pedro Lopes e dona Mariana, é o quinto filho de uma família de nove irmãos. Em 1986 começou sua trajetória musical em Simplício Mendes participando de shows de calouros. Em 1989, depois de percorrer todas as cidades vizinhas com seu pai, Pedro Lopes, fazendo rifas e bingos de animais que ganhava dos amigos, gravou seu primeiro tape em Fortaleza. No início de 1990 rumou-se para São Paulo em busca da realização do sonho de gravar um disco. Passou por várias dificuldades e terminou trabalhando numa padaria e logo depois numa loja de confecções no Largo da Concórdia no bairro do Braz. O dono da loja, um conterrâneo chamado Javan Costa, lhe emprestou uma parte da grana e ele conseguiu gravar seu 1º disco e voltou para o Piauí. Em 1993 gravou seu 2º LP Em 1996, gravou seu 3º LP no Piauí, também lançado em CD. Só no início de 1998, Francis Lopes decide de vez morar em São Paulo. Gravou seu CD vol. 4 intitulado “*O garotinho quente do forró*” com a música “*Lamento de um Nordestino*”, de sua autoria

¹⁶ LOPES, Frances. Lamento de um Nordestino: Intérprete, Francis Lopes. In. LOPES, Frances. 1998. (5min50s).

Ao gravar essa música, Francis Lopes estava a retratar suas próprias experiências, pois o mesmo no início de 1990, foi para São Paulo em busca da realização do sonho de gravar um disco e enfrentou muitos empecilhos nessa nova jornada, tendo que conviver com a dificuldade para encontrar emprego e a dor da saudade, por estar longe da sua terra, longe do seu Piauí. Como podemos observar, sua música “lamento de um nordestino”, transmite muitas das situações enfrentadas por aqueles que saem pelo mundo, em busca dos seus sonhos, deixando para trás sua família e sua fonte de alegria. A partir da letra dessa música, juntamente com as associações dos teóricos sobre o assunto, é possível vislumbrar as múltiplas influências desse povo nordestino nas grandes metrópoles, especificamente na cidade de São Paulo, constatando a fusão entre essas culturas, além dos aspectos positivos e negativos quanto esse fluxo migratório para suas vidas, e conseqüentemente para a transformação no seu meio urbano com foco na cidade de colônia do Piauí. Nesse trecho, assim como relatado anteriormente, o cantor retrata essa difícil decisão, ir em busca do sonho, mas ter que deixar sua família para trás.

Muitos colonienses tiveram que tomar essa decisão, pois, trabalho na cidade não tinha, na roça faltava chuva, muito se gastava e pouco se colhia, quanto ao estudo, seus pais não tinham condições para arcar com as despesas, além do fato de precisarem de sua ajuda para o trabalho agrícola e cuidar dos animais. A letra dessa música, nos permite compreender as dificuldades, para quem se vê diante da necessidade de deixar sua terra e sua família para trás, pois, precisa ir em busca de melhoras.

O sonho de menino se transforma na obrigação de adulto, que leva consigo a dor da saudade e a responsabilidade de ajudar sua família. Jovens que já se viam diante do dever de sustentar sua família, garotos cheios de esperança. Entre as espinhas no rosto e alguns fios de cabelos saindo no queixo, partiam rumo a realização de um sonho, aprender a profissão de gesseiro e ter condições para possibilitar uma vida melhor aos seus familiares. Acordar pela manhã e não ter aquele café com cuscuz que só a mãe sabe fazer, ouvir aquelas músicas das vaquejadas exaltando o vaqueiro valente e destemido, para aqueles tem que deixar sua terra, e viver longe de casa, isso é algo que multiplica a saudade da sua terra querida, do aconchego da casa da mãe ou simplesmente daquele fim de tarde onde o sol parece tocar a terra seca do nordeste e aos poucos da espaço para a lua que ilumina a vida na caatinga.

Os dilemas enfrentados cotidianamente no Piauí, foram decisivos para contribuir com esse fluxo do nordeste para o sudeste. Para que fosse possível, ir para São Paulo trabalhar, era necessário o auxílio de parentes, que já estavam trabalhando lá, tanto para ensinar essa profissão de gesseiro, quanto para o subsídio referente a moradia provisória, pois, não tinham condições de pagar aluguel sem trabalhar. Muitas vezes, para que esses jovens pudessem viajar para o sudeste, suas famílias tinham que fazer um esforço enorme para conseguir o dinheiro da passagem que estabelecia um custo considerável para famílias em sua grande parte de agricultores, muitos vendiam alguns gados entre outros animais criados para conseguir interar o dinheiro necessário para que esses jovens viajassem a São Paulo. Com a passagem em mãos, sabiam que agora não tinham mais como voltar atrás, a data para viajar já estava marcada, tinham que lidar com as incertezas de aprender a profissão e a responsabilidade de trazer melhoras, recompensando todo o esforço dos seus pais para viajarem.

A euforia e as incertezas tomavam conta de suas mentes, como será São Paulo? Será que vou aprender a trabalhar com gesso logo? Quando vou poder voltar pra casa?

É inegável que, nesse enquadramento problemático a cidade era ‘o lugar onde as coisas aconteciam’, fosse pelo desenvolvimento daquelas forças capitalistas, fosse pela expansão de um mercado de trabalho nos maiores centros urbanos, para onde acorriam os egressos do regime escravista, ou fosse ainda por um processo mais amplo, de modernização e de redefinição das relações entre o campo e a cidade. Segundo essa postura, as cidades compareciam como o *locus* da acumulação de capital, como o epicentro da transformação capitalista do mundo.¹⁷

Os medos e as inseguranças povoavam a mente desses jovens, mas a esperança de poder trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro e assim, ajudar sua família era o combustível para que mesmo com pouca idade, decidissem sair do seio familiar no interior do Piauí, em direção a selva de pedra. É essencial entendermos que estamos falando de adolescentes entre dezessete e dezoito anos, grande parte saía mesmo sem ter completado sua maioridade.

A necessidade de obter um ganho logo estimulava essa saída precoce, e o trabalho com o gesso por render um ganho considerável, foi o estopim para esse fluxo migratório. Esse paralelo entre Nordeste e sudeste foi, e, é caminho de muitos

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007

nordestinos, pessoas que vão em busca de trabalho, deixando a sua terra querida, no intuito de ter melhores condições de vida. Os fatores que impulsionaram esse processo migratório rumo ao sudeste ficam evidentes diante das necessidades do povo nordestino. Essa região mantém em termos médios, problemas sociais históricos: descompasso quanto aos desenvolvimentos de outras regiões brasileiras, pouca diversificação da agricultura entre outros fatores econômicos e estruturais, além dos aspectos naturais de secas constantes.

Terra de “cabra macho”, que mesmo diante de todas essas dificuldades acorda cedo, com o cantar do galo para ir trabalhar na roça, pedindo a Deus chuva para que seu esforço não seja em vão. Para que possamos vislumbrar esse processo de maneiras mais clara utilizaremos fotos para ajudar na composição da presente monografia. Na imagem a baixo esta Almir Irineu de Sousa um dos primeiros da família a ir para São Paulo. Enquanto arruma suas malas para viajar, vários familiares se reuniram na sua casa para lhe desejar uma boa viagem e se despedir. Logo atrás dele está sua mãe Maria do Socorro e sua Prima Rosana Moreira de Sousa. É possível perceber essa mistura de tristeza por ter que ir para são Paulo, mas também a felicidade em poder ir em busca de melhores condições.

Figura 3 – Almir organizando suas malas para viajar para São Paulo em 1995.



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Irineu de Sousa.

Na mesa encontram-se suas malas a serem organizadas, Almir como percebe-se na foto, demonstra estar concentrado em arrumar suas coisas antes de viajar, além de estar pensativo diante da nova jornada que o espera. Esses jovens saíam com muitas expectativas, aprender a profissão de gesseiro os mais rápidos possíveis, ganhar - dinheiro para ajudar sua família e poder voltar logo para o Piauí.

Ao se despedirem dos seus familiares e entrarem no ônibus, tinham a certeza que ali era seu lugar e mesmo tendo que sair para conseguir trabalho, sabiam que nenhum outro lugar traria tanta felicidade como sua terra amada. Agora era encarar a longa viagem até o destino São Paulo. Segundo Erivan Irineu de Sousa, Através da janela da busão viam sua infância e adolescência passando aos seus olhos, as brincadeiras no terreiro de casa jogando peteca, vendo seu pai sair pra roça cedinho. Como crianças as únicas responsabilidades que tinham era ir deixar a merenda feita pela mãe ao seu pai enquanto ele cuidava da lavoura, essas lembranças vinham acompanhadas de lágrimas, que representavam a saudade, a dor abrir mão de estar perto do que ama. Essa relação da sensibilidade por ter que deixar sua terra rumo ao até então desconhecido, gerava várias dúvidas e povoava o imaginário desses jovens, alguns relatos são essenciais para evidenciar essa percepção:

Eu imaginava que era um lugar bonito, mas não imaginava que tinha aquela correria toda não, o cara chega lá, o cara fica assustado ver aquele monte de prédio pra todo lado. Meu medo era de ir, aí pensava assim de num aprender aí voltar pra trás e não conseguir aprender. Teve noites deu chorar pensando assim “meu Deus será que eu não vou aprender não”, tinha noites que o cara nem dormi de tanto pensar.¹⁸

É perceptível ao analisar o trecho da entrevista, a reação de perplexidade ao chegar naquela metrópole que está entre as cidades mais populosas do mundo. Para adolescente que vinham da zona rural de um ambiente bem simples como colônia, essa primeira impressão, trazia consigo múltiplas visões sobre ambos os lados dessa relação migratório.¹⁹ Havia um certo vislumbre diante do caos existente nessa urbe. Embora

¹⁸ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019.

¹⁹ O imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção. Ao contrário de Castoriadis, que afirma ser o imaginário a capacidade de “produzir” uma

houvesse uma ideia de como fosse essa povoação, quando viram de perto, puderam constatar sua grandeza em comparação a realidade do cotidiano que presenciavam no Nordeste.

2. EM SÃO PAULO: LAMENTOS DE UM NORDESTINO

2.1 A chegada em São Paulo, desilusões

No primeiro momento, perceberam que a dimensão do desenvolvimento dessa cidade era muito maior do que sua imaginação pudesse um dia ter achado saber, vários prédios enormes, carros pra todo lado, a selva de pedra mostrava toda sua grandeza para esses que estavam acostumados com a simplicidade e a calmaria do campo. Essa relação imaginaria tanto no que diz respeito de como seria essa nova cidade, como também as possibilidades em torno dos seus medos diante da possibilidade de não aprender o trabalho com o gesso, de não conseguir ajudar sua família.

Ao chegar em São Paulo, muitos se depararam com uma realidade bem diferente do que imaginavam. Ao trilhar essa trajetória rumo a cidade grande, cria-se um imaginário entorno de como é esse lugar, das habitações, da receptividade, de como as coisas iriam ocorrer nesse local. Havia todo um imaginário em volta da grande metrópole.

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. Tais representações foram e são capazes de até mesmo se impor em como as ‘verdadeiras’, os ‘reais’, as ‘concretas’ cidades em que vivemos. Afinal, o que chamamos de ‘mundo real’ é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma. Pois o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras

imagem que não é e nunca foi dada na percepção, consideramos que a imagem formada a partir de um apoio real na percepção, mas que no imaginário o estímulo perceptual transfigurado e deslocado, criando novas relações inexistentes no real. imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva.

exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas.²⁰

Essa relação sobre o imaginário desses jovens será esmiuçada ao modo que seja possível vislumbrar suas visões diante do “novo”, após analisarmos as dificuldades enfrentadas ao chegar na grande cidade e começar a se entender como parte daquele meio, transmitindo um pouco dessa raiz nordestina e assimilando os costumes paulistas nessa fusão entre nordeste e sudeste. Sandra Jatahy Pesavento (2007), fala sobre as relações sensoriais e imaginárias que estão em torno do conceito de cidade, pois, ao fazerem a troca entre o pó (poeira) do chão seco do Nordeste, pelo pó do Gesso (massa resultante do tratamento térmico da gipsita, us.), esses colonienses assim como tantos nordestinos, começavam a escrever a história desses locais onde agora iriam residir. Essa multiplicidade de questões em torno do fator migratório evidenciando por diversos autores, nos possibilitam entender um pouco da dinâmica que se estabelece nesses caminhos cruzados, entre povos da região nordeste e suas formas de existências culturais sociais e políticas em fusão com as mesmas relações múltiplas do Sudeste.

Vamos nos apoiar nos debates teóricos a respeito do presente tema, e fazer os devidos paralelos afim de possibilitar uma maior compreensão dos aspectos culturais, sociais e econômicos envolvidos nesse processo migratório. Nesse segundo momento, iremos analisar a chegada em São Paulo, a fim de possibilitar a compreensão desse coque entre a cultura nordestina e a paulista entre tantas outras. Como esses jovens vivenciam esse novo espaço no mundo urbano?

A cidade dos arranha-céus, assume um papel imensurável na composição de milhares e milhares de sonhos, daqueles que só querem a chance de poder dar uma vida melhor para sua família. As relações geográficas e culturais possibilitam essa fusão entre culturas distintas, na terra da garoa o “oxente” se faz presente. Quais dificuldades enfrentaram ao chegar e se estabelecer nessa nova cidade? Quais foram seus medos? como já foi possível vislumbrar anteriormente as incertezas eram muitas, mas agora tinham que começar a praticar esse trabalho com o gesso com o auxílio de algum parente, e aprender o mais rápido possível. Os relatos dos entrevistados nos possibilitam compreender um pouco sobre essas dificuldades.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

Aparte mais dolorosa, foi ter que deixar pra trás minha família, foi a dor pior, enquanto eu não me adaptei em São Paulo. Eu sofri mais, por causa da minha família, a distância né, mas agora a gente ta acostumado já, um pouco, a gente não sofre tanto. Tinha vês lá que, os primeiros meses que eu chegava em São Paulo, dois três meses era chorando, a gente nem se concentrava pra aprender o gesso por causa da saudade da família que a gente deixava aqui, a gente sempre tem a saudade. Hoje em dia a gente já ta um pouco acostumado. Eu já sofri no mundo ,quando eu fui pra aprender o gesso ,que eu sai sozinho sufria dentro de um barraco ,você deitava dentro de um quarto quente em cima, num era nem de um coxão, era de um coberto, sofrendo sofrendo, sofri muito, mas hoje eu agradeço muito por isso ai ,a gente tem que sofre pra conseguir alguma coisa né.²¹

A adaptação era difícil, tanto pelo fato de muitos se estabelecerem nos barracos alugados pelos “gatos”²². Há também o fato que, nunca haviam viajado para fora de sua cidade, muito menos sem ter seu pai ou mãe por perto.²³ Na figura abaixo e possível observar Almir Irineu de Sousa já em São Paulo residindo num barraco com os demais gesseiros, sentado em um coxão no chão com suas bolsas ao lado.

Figura 4 – Almir em São Paulo residindo em um barraco,1995.



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Irineu de Sousa.

²¹ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019

²² Gato: Termo utilizado para denominar o empreiteiro. Indivíduo que realiza obras de empreitada, obras cujo o trabalho é realizado por terceiros, por outras pessoas ou por empresas, mediante contrato e pagamento previamente acordado.

²³ Grande parte desses jovens, ficam em barracos alugado pelos gatos. É possível observar que não tinha muito estrutura, sorte daquele que tinha uma cama ou uma rede para dormir.

Como já foi esmiuçado as condições no barraco eram bem precárias faltava onde dormir, muitas vezes eram em cima de tabuas ou no chão frio mesmo, esses jovens enfrentavam diversas dificuldades assim que chegavam nesses barracos. Além dos fatores sentimentais, ainda havia os problemas quanto as dificuldades adaptativas nessa nova cidade. Essa adaptação era difícil, morar em barracos, muitas vezes sem ter sequer uma cama para dormir, ou uma geladeira para guardar os alimentos. Normalmente, levava entorno de seis meses a um ano para aprender o trabalho com o gesso, ou seja, até ganharem dinheiro por conta própria é ter condições de mandarem alguma ajuda para sua família e retornar ao Piauí, levava um tempo considerável, entre seis meses a um ano.

Um mundo de possibilidades e incertezas vivida por muitos jovens sonhadores. Segundo Solimar Carlos De Sousa, a saudade era cruel, diferentemente dos tempos atuais, a tecnologia não era tão acessível, muitos enfrentavam filas em orelhões para poder ligar para os seus familiares, isso uma vez por semana ou por mês, pois, como seus familiares moravam no interior para se locomover até a cidade, tinha toda uma dificuldade. Há múltiplos fatores que aumentavam essa saudade, desde a falta de notícias, até o fato de passar por muitas situações é não ter por perto a família.

2.2 O trabalho

Era necessário ir em frente, procurar aprender a trabalhar o mais rápido possível, para assim, que conseguir ajudar a família e poder regressar mesmo que temporariamente, para matar um pouco dessa saudade. O gesso estava em ascensão, por ser mais barato que o cimento e de fácil aplicação, impulsionando desenvolvimento urbanístico das grandes cidades. O gesso por ser mais barato e trazer uma estética mais atraente para os ambientes domiciliares, logo virou tendência nas construções por ser mais rentável e embelezar o ambiente. A través dos depoimentos é possível perceber que logo nos primeiros anos o gesso ainda estava em processo de aumento quanto ao seu valor pago por metro ao revestir as paredes:

O serviços naquele tempo, ainda tava meio fraco, no tempo que eu fui de dois mil pra cá, foi que, melhorou mais, o serviço era fraco ,era barato demais, o metro de gesso era noventa centavos quando cheguei

lá, ai depois foi aumentando para um real, mas ai quando achava uma obra de um real, era logo que, enchia de gesso, ai era logo que acabava.²⁴

Como é possível observar, foi aos poucos que esse trabalho com o gesso foi ganhando mais espaço nas construções e conseqüentemente ganhando valor de mercado. Para que começassem a aprender, era necessário algum parente ou pessoa próxima para ensinar essa profissão, a imagem a seguir nos possibilita entender um pouco sobre como funciona essa técnica.

Na foto abaixo é possível observar Francisco Irineu de Sousa, exercendo o trabalho com o gesso em São Paulo. A partir da imagem conseguimos vislumbrar um pouco de como se dava esses trabalhos com o gesso, desde a ferramenta utilizada para passar o gesso na parede conhecida como Desempenadeira²⁵, responsável por deslizar o gesso nas paredes modelando-o, de acordo com que se deseja fazer. As vestimentas utilizadas como calças e botas para proteger do contato direto com o gesso, como também a falta de mascaras o que causada a inalação desse material pelas vias aéreas.

Figura 5 – Membro da Família Irineu, exercendo a profissão de gesseiro, 2005.



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Irineu de Sousa.

²⁴ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019

²⁵ Desempenadeira: É uma ferramenta utilizada em construções civis para retirar ondulações e desníveis, nivelar e dar acabamento em paredes ou chão após a aplicação de argamassa ou cimento. Também ajuda a melhorar a fixação.

O gesso é utilizado nas paredes como revestimento e suas propriedades e custo com certeza foram um dos aspectos que contribuíram e contribuem para sua utilização nas construções de maneira assídua. Sua prática quanto a utilização nas paredes, não requer tanto conhecimentos, não é necessário fazer nenhum curso, muito menos ter alguma formação acadêmica para realizar esse trabalho. Como sua utilização vai nas paredes e forros, é necessário adicionar água a essa pasta em determinada quantidade para que fique homogênea e consistente, após isso, é utilizada a desempenadeira para passar essa pasta na parede e aos poucos ir cobrindo toda a superfície.

Essa pasta, tem seu endurecimento rápido, sendo necessário passar nas paredes de forma que fique firme e lisa, além de estar no mesmo nível em toda a superfície plana. Essa prática exige um esforço considerável, pois, a todo momento você deve passar essa desempenadeira com o gesso para queimá-lo antes que ele fique rígido o bastante para impossibilitar sua modelagem na superfície desejada. Essas formas de trabalho, variam de acordo com o local onde será aplicado o gesso, nos forros já se utiliza placas que vão se encaixando e depois são recobertas com essa pasta. Um dos fatores que impulsionaram a ida desses jovens para trabalhar como gesseiros, foi justamente a facilidade para a execução dessa prática, além de não necessitar de formação alguma. São formas de trabalho que simplesmente com a prática ao manusear esse gesso a través das ferramentas vai se adquirindo o jeito para esse trabalho.

Além dessa "facilidade", havia o ganho considerável como já foi dito anteriormente. Essa euforia, fez com que, mesmo muito jovens sem maturidade para assumir grandes responsabilidades, saíssem em busca dos seus desejos e anseios. Para quem tem que lidar com as espinhas no rosto e as turbulências da puberdade, o agora sempre vem primeiro que o depois, pensar nas conquistas longo prazo para quem não tinha expectativa nem de sair do interior, era algo impossível.

As famílias que ficavam no Piauí, tinham que lidar com a saudade e os medos diante das coisas que o mundo longe de casa pode oferecer, já esses jovens, enfrentavam na prática as obrigações e responsabilidades de quem carrega consigo sonhos e esperança de uma vida melhor. Essas evidências, tem o intuito de nos mostrar como era o cotidiano desses jovens colonienses no interior da cidade de colônia do Piauí. Assim, diante das devidas observações nos possibilitar vislumbrar os principais problemas,

enfrentadas por esses nordestinos, forçando-os a ir procurar trabalho no Sudeste, tendo que deixar sua família e sua terra querida para trás.

As questões econômicas e climáticas favoreceram o fluxo migratório, pois, como foi observado, grande parte desses migrantes viviam na zona rural, conseqüentemente dependiam da agricultura para sua subsistência, no entanto as condições no semiárido, dificulta a vida de quem depende das chuvas para ter o que comer. O período de chuva e relativamente curto, já a seca é prolongada durando entre cinco a seis meses. Essas condições climáticas aumenta a vulnerabilidade da vida nessa região, obrigando a adaptação desse povo nordestino mesmo diante de tantas dificuldades. Outro fator importante a se destacar é que entre os anos de 1996, as famílias eram consideravelmente numerosas, o que necessitava de condições financeiras suficientes para alimentar dez, onze bocas, algo que a roça não estava mais possibilitando.

Um fator essencial nesse fluxo migratório, foram as chances que o trabalho com o gesso propiciava para quem não tinham muita leitura, nem um ensino médio completo. A possibilidade de ganhar dinheiro e poder ajudar a família moveu muitos e muitos nordestinos a cidades dos arranha-céus, levando consigo os sonhos não só seus, mas daqueles que ficaram para trás a espera de um retorno com melhoras. Deve ser compreendido que os fatores que contribuíram para essa migração, estão diretamente relacionados aos aspectos estruturais, sociais e econômicos da região nordeste, assim, o trabalho com o gesso serviu como imã.

Diante do que foi esmiuçado, pode-se perceber o quão difícil foi esse movimento migratório, os aspectos positivos e negativos dessa relação. É possível entender a contribuição desses nordestinos para a constituição das grandes cidades, trabalho esse muitas vezes desconhecido por grande parte da população. Esse processo migratório rumo ao Sudeste desde sempre promoveu grandes transformações no meio social tanto do Nordeste quanto do Sudeste, durante esse processo se estabelece múltiplas relações desde estruturais, sociais, economias e territorial. A influência desse povo nordestino para a construção de São Paulo é imensa. A inserção desses migrantes nordestinos em outros estados, consistia em um processo de apropriação dos costumes, tanto por parte dos nordestinos quanto dos paulistas que mantinham esse contato entre si.

Ao chegar em solo paulistano inúmeras formas de percepção são ativadas. Alguma ou nenhuma identificação é percebida, ao mesmo tempo em que várias atribuições de significados são suscitadas pelo olhar do *outro*, através de uma lógica representativa que traz no seu bojo discursos “[...] que partem, quase sempre, de um olhar civilizado, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil moderno, sobre um Brasil rural, tradicional e arcaico.”²⁶

De acordo com Cristina de Soares Morais, há múltiplas percepções obtidas nesse contato entre com o solo paulista, se caracteriza um paralelo entre o moderno e o rural. Nesse segundo momento, e crucial pensarmos sobre os sujeitos e as identidades que se cruzam nessa jornada, bem como, as singularidades entre semelhanças e diferenças destacadas.

A identidade é simplesmente aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou homossexual", "sou jovem", "sou homem". A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual", "ela é velha", "ela é mulher". Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo "sou brasileiro" parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. "Sou brasileiro" - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que *não* são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido.²⁷

A partir das concepções de Tomaz Tadeu da Silva, é possível compreender do que se trata a “identidade”, bem como, a “diferença” em seu conceito, quando e posto lado a lado as semelhanças e diferenças entre um sujeito e outro. Tendo como exemplo em questão, um nordestino e um paulista, cada com seu sotaque, maneira de se vestir,

²⁶ MORAIS, Soares Cristina de. **hibridismo cultural**: frente e verso dos ritos de passagens dos migrantes retornados piauienses. _____ Teresina, 2007.101 f. p11.

²⁷ DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. **A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.p1.

entre tantos outros fatores, que só são possíveis de serem estabelecidos, devido a existência do “outro”. Ao se depararem com essa “nova” cidade tiveram que se adaptar e conviver com as demais identidades ali presentes.

Há muitos fatores envolvidos: desde a maneira de se vestir até sotaque inconfundível de cada região, cada ser carrega consigo um pouco do meio em que vive, e ao entrar em conta com o “diferente”, acaba absorvendo um pouco pra si ao mesmo tempo que transmite. E isso, não foi diferente com aquela porcentagem de colonienses que foram trabalhar na cidade de São Paulo, e em outras regiões do Brasil. Muitos desses migrantes, ainda eram adolescentes quando saíram de casa, fator esse que aumentava as dificuldades enfrentadas pelos mesmos nessa nova jornada.

Muitos deveriam estar na escola estudando, no entanto, como tantos outros jovens, tiveram que decidir entre estudar ou trabalhar. Como foi dito anteriormente, era necessário que alguém ensinasse a trabalhar como gesseiro, desde o forro, como também o gesso liso. Na maioria das vezes, é alguém da família que ensina esse jovem, que de início trabalha como ajudante até que possa, após as noções teóricas, realizar de maneira prática e contundente esse ofício por conta própria. Geralmente leva entre quatro a cinco meses para aprender uma das áreas, no entanto, isso varia de pessoa para pessoa.

As dificuldades foi pra aprender o gesso, eu soufri um pouco, na realidade quase todos nós que sai daqui pra aprender lá, tem um pouco de dificuldade mesmo, a gente sofre um pouco pra se adaptar também, a gente sofre um pouco ,mas depois a gente vai se organizando ,ai dá pra ganhar um pouco da vida né. Quase todos nós que sai daqui a gente pensa uma coisa e chega lá é outra né, a gente nunca imagina que a vida em São Paulo é tão difícil, mas todos nós que chega lá, a gente tem que sofrer um pouco pra se adaptar. É assim mesmo, nunca tem nada de fácil pra ninguém não, a gente tem que sofrer um pouco, pra ganhar um pouco da vida mesmo.²⁸

Percebe-se que, assim como, tinham muitas expectativas positivas, também havia o medo, a final levavam consigo, não só, os seus sonhos, mas também os da sua família que tinham deixado no nordeste, além do peso de saber que, já que, haviam abdicado os estudos para trabalhar, não podiam voltar atrás. Era necessário aprender os mais rápidos possíveis para que assim, pudessem ajudar a sua família e se manter por conta própria. Em um primeiro momento, mantinham-se com o dinheiro que ganhavam

²⁸ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019

como ajudante dos gesseiros mais experientes. Enquanto aprendiam, recebiam uma determinada quantia, para que pudessem se manter. O trabalho com o gesso, embora não exija nenhuma escolaridade para ser feito, requer paciência, atenção e muita prática para ser executado corretamente. O gesso é misturado com a água, formando uma substância pastosa de rápida secagem, assumindo uma rigidez tão quanto o cimento, sendo assim, deve-se saber a quantidade certa de água e o tempo até a massa atingir o ponto certo de ser usada e modelada na parede com a desempenadeira.²⁹

Quando aprendem o suficiente para trabalhar por conta própria, podem viajar para outros estados de acordo com a demanda de serviço. Como se pode observar pelos relatos, demorava-se um pouco para aprender, então, até que, pudessem ter autonomia e conseguissem juntar um dinheiro para voltar ao Piauí pra matar um pouco da saudade, levava pelo menos de um a dois anos.

A primeira vez que eu fui, eu passei um ano e um mês ,a vez que eu demorei mais ,eu passei dois anos lá sem vim ,foi no tempo que eu tava fazendo a casa pra pai ,ai depois quando passei esses dois anos que eu fiz a casa pra ele eu fiquei vindo de seis em seis meses ,e depois que casei só passava três meses. Os primeiros anos o ganho era razoável num foi bom como de dois mil e dois pra cá não, tirava pagamento de cinco mil, seis mil ainda tirei pagamento até de sete mil. Atualmente recebo um benefício de mil e noventa por causa do problema no ombro. Hoje em dia tem muito gesseiro e o preço baixo também, tem gesseiro demais e tem muito empreiteiro né.³⁰

A citação nos permite compreender o tempo que levavam desde sua chegada, até a sua volta, bem, como, seus objetivos que era principalmente ajudar a sua família. É possível perceber que, o que ganhavam nos primeiros anos era bem mais do que se ganha hoje em dia, embora ainda tenham uma renda considerável para quem tem tão pouca escolaridade. Entre as idas e vindas de um estado a outro, esses piauienses vão deixando sua “marca” pelos cantos do nosso Brasil. Conhecidos e demonizados muitas vezes como “Piauí ou piauiense”, entre outros, isso varia de acordo com seu estado, assim, como quem é de São Paulo e chamado de Paulista em outras regiões. Nessas viagens de um local para outro, passam por muitas situações, desde dormir em barracos sem sequer um colchão ou rede. Longe de casa tudo é mais difícil.

²⁹ Ajudante: Responsável por auxiliar, funcionário às ordens dos outros.

³⁰ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019

Nesse tempo, os gatos num ligava muito não, negocio assim de butina³¹ essas coisas assim, a caba tinha que se virar pra compra ou então trabalhava descalço. Cheguei lá fui trabalhar no tênis que eu tinha, aí fui trabalhar calçado nele, pisei num prego logo, aí atravessou, lavai eu para o hospital tomar injeção.³²

As confirmações possibilitam vislumbrar, mesmo que por um instante, essas dificuldades enfrentadas. Afim de enriquecer mais ainda essa compreensão, assim como foi feito anterior mente, utilizaremos outra música de Francis Lopes a música “A carta”, que expressa os problemas enfrentados pelo cantor em São Paulo, mas que se assemelha a tantas outras histórias vividas por indivíduos que fazem esse mesmo percurso em busca dos seus sonhos e passam por muitas decepções, angústias e mesmo assim mantem as esperanças de colher bons frutos.

Mãe, já faz um ano e quatro meses
Que eu vim para São Paulo
Vim em busca de aventuras

Pai, aqui não é nada fácil,
Ninguém faz nada de graça
A vida aqui também é dura

Mãe, mas vou indo, vou vivendo
Meu disco já tá vendendo
E no rádio tá tocando

Pai, já conheci muita gente
O povo aqui é diferente
Mas meu disco tá comprando

Sei que a vida não é fácil pra ninguém
Se a gente quiser vencer, tem que lutar
Com fé em Deus e tem que trabalhar também
Com muita garra e em si acreditar

Mãe, eu ainda estou sofrendo
Mas sei que Deus está vendo
Minha luta a cada dia

Pai, não se preocupe comigo
Pois sou seu melhor amigo
E eu vou voltar um dia
Eu vou voltar...³³

³¹ Butina: bota de cano baixo, ger. de couro, fechada por cadarços ou elástico,

³² Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019

³³ LOPES, Frances. A carta: Intérprete, Francis Lopes. In. LOPES, Frances.2002. (6min28s).

A letra dessa música, transmite as experiências afrontadas por Francis Lopes, em alguns trechos, fala do problema de ter que aguentar a saudade, além das dificuldades no que diz respeito a adaptação nesse novo lugar, deixando claro, tanto a questão emocional, quanto social. Mas como e dito na música, a vida não é fácil pra ninguém, mesmo com toda dificuldade e necessário prosseguir. Eles continuavam firmes, esperançosos de assim que possível poder visitar a família, mas até era necessário derramar muito suor. Como já foi dito anteriormente, os gesseiros viajavam para outras cidades, e se deparavam com diversas situações:

Nós trabalhamos em um obra lá em Itu, lá nós ficava num barraquinho vei, que o cara só arrudio, assim com a lona sabe!? só tinha as telhas ,ai o cara botou umas madeiras e arrudio com a lona, botou uns madeirite encostado, ai botou outros madeirites pra nós botar os coxão em cima, nem piso num tinha, ai nois dormia lá. Água pra banhar, tinha que encher o tambor pra poder banhar, que num tinha água também não. E o frio minino, sabe como é frio!?nós passamos uns três ou foi quatro dias sem banhar, as necessidades tinha que fazer na sacola e levar pra jogar lá no mato, e ainda tinha mais ,nós tinha que pular o muro pra entra pra dentro do barraco.³⁴

No presente capítulo, foi possível compreender as dificuldades enfrentadas por esses nordestinos ao chegarem na cidade de São Paulo, desde seus problemas para se adaptar, como também, para aprender o ofício e ficar longe de casa, tendo que conviver com a saudade. Os fatores sociais e emocionais faz com que tenham uma experiência profundo no contanto com o diferente, no entanto desde sempre, tinham em mente que seu objetivo mesmo com toda dificuldade era aprender a profissão de gesseiro para só assim, ter condições financeiras de ajudar sua família, e assim, que possível matar a saudade de sua terra querida.

Talvez esse seja o conforto para aqueles que tem que virar homem tão cedo, saber que não carregam consigo só os seus sonhos, mas também os da sua família. Após confirmamos as condições sociais e econômicas vividas em colônia do Piauí, bem como, à difícil adaptação e o esforço para aprender essa profissão, no capítulo seguinte, vamos nós debruçar nas conquistas alcançadas durante essa jornada, assim como, os aspectos negativos dessa vida no trabalho como gesseiro. Com isso, poderemos

³⁴ Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019

compreender essa trajetória desses migrantes para o sudeste, transparecendo suas conquistas e decepções durante esse percurso em busca de suas realizações.

3. O RETORNO: DE VOLTA A MINHA FONTE DE ALEGRIA

Como vimos anteriormente, esses gesseiros começavam a trabalhar por conta própria, e assim tinham o seu próprio ganho, de maneira a conseguir mandar um pouco para sua família. A partir desse momento, a insegurança dá lugar a satisfação de ter conseguido aprender a trabalhar como gesseiro, e, assim, conseguir ajudar sua família que havia depositado tanta esperança nesses jovens. Com um salário inicialmente de dois a três mil, dependendo da demanda de trabalho, muitos conseguiam sua autonomia financeira, tendo condições para sair dos barracos, alugar uma casa e se manter sem precisar de ajuda.

Diante dessa situação, muitos guardavam dinheiro para assim que possível, ir ver sua família e matar um pouco da saudade. Suas preocupações inicialmente estavam voltadas para ajudar seus pais, desde mandar dinheiro para as compras mensais, tratar da saúde ou para realizar alguma reforma na casa. Após conseguirem esses objetivos, poderiam ir com mais frequência para sua cidade e conseqüentemente demorar um pouco mais. O mais difícil já tinha passado, as dificuldades enfrentadas inicialmente, já não eram tão presentes. Ganhar seu próprio dinheiro, com o seu suor, era algo satisfatório, ver sua família feliz e poder ajuda-la, fazia com que fosse compensativo todas essas dificuldades enfrentadas.

Depois que aprendi, comecei a ganhar dinheiro, não vou dizer que consegui quase tudo, mas eu consegui um bocado de coisa através do gesso. Graças a Deus, naquela época como era mais fácil, eu consegui ganhar por mês dois e quinhentos, três mil, naquela época dinheiro tinha mais valor, hoje em dia não tem quase valor não. Ganhava naquela época, agora o gesso caiu bastante, caiu muito, naquela época o metro de gesso tava barato, tava de dois e cinquenta a três reais, mas dois e três reais naquela época valia muito dinheiro, não como hoje não, três reais não vale quase nada, não dá pra você fazer quase nada com três reais, dinheiro tinha mais valor naquela época.³⁵

³⁵ Erivan Irineu de Sousa, 39 anos, nascido em 22/11/1979, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, solteiro, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 01 de outubro de 2019.

A partir do relato acima é possível entender que, com o passar do tempo ocorreram algumas mudanças no que diz respeito a renda que se conseguia entre o ano de 2002 até os momentos da entrevista. O que devemos entender é que, quando os entrevistados foram para São Paulo, tratava-se de um momento que não haviam tantos profissionais como há, hoje em dia, a demanda de trabalho era muito maior, assim poderiam escolher para qual serviço queriam ir ,de acordo com o que pagasse melhor, enquanto que, atualmente a demanda desse trabalho como gesseiro cai bastante embora em alguns regiões ainda se mantenha instável, mas o que fica claro é que, atualmente tem muito mais profissionais, o que aumenta a concorrência e faz cair o preço empregado no metro.

Agora vamos entender as principais mudanças ocorridas nessa área profissional, além das consequências negativas desse trabalho que afetam até hoje a vida desses sujeitos. Como foi dito anteriormente, um dos pontos a se destacar é o fato de que não se ganha tanto quanto antigamente, quem conseguiu realizar seus objetivos e guarda um dinheiro pensando no futuro, fez bem, quem não fez isso, agora tem um pouco mais de dificuldade. Muitos não têm dinheiro para voltar ao Piauí, pois, vivem de aluguel e como constituíram família a situação fica um pouco mais complicada.

Você conhece várias cidades, eu já andei em tanto lugar aí, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Curitiba então a diferença é que você conhece vários lugares. Hoje tem varais pessoas querendo voltar pra sua terra é não consegue, não tem mais condição Hoje em dia...Oh pra nós que trabalha que tem essa profissão ta difícil e principalmente alguém que fica lá, paga aluguel caro um absurdo de aluguel e tenta vir pra cá de vês e num consegue, não tem condição pô, enfrentei muita dificuldade até quando eu botei na cabeça pra vim de vês pra cá ,vi que num tava mais dando pra mim. Eu vim pra cá, mas sempre eu tô viajando, se eu não me engano depois que eu juntei com Bene foi mais de quinze anos morando só num lugar, só numa cidade, mas eu morei em várias cidades em São Paulo só pagando aluguel caro.³⁶

Esses colonienses, tiveram que sair de casa muito cedo, ainda na adolescência, isso fez com que não concluíssem seus estudos, muitos sequer sabem ler. Mesmo antes de trabalhar como gesseiro, tinham que ajudar no trabalho na roça. Segundo (SOUSA, E.2019) “Hoje eu só me arrependo de não ter terminado meus estudos, porque com o estudo, você consegue alguma coisa, a gente se ilude, pessoal saindo, saindo aí você quer sair pelo mundo pra conseguir alguma coisa rápido”.

³⁶ Erivan Irineu de Sousa, 39 anos, nascido em 22/11/1979, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, solteiro, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 01 de outubro de 2019.

Os relatos evidenciam que um dos principais arrependimentos é não ter terminado os estudos ou sequer começado. Embora consigam ganhar seu dinheiro a partir de seu esforço, passam por certas dificuldades quanto a falta de estudo, seja para resolver questões que exigem uma certa escolaridade ou até mesmo um certo preconceito por não saber ler ou escrever. O trabalho com o gesso exige muito esforço, tanto pelo movimento repetitivo de passar na parede, fazendo com que essa massa vá se fixando e revestindo as paredes, como também, do ter que carregar os sacos com esse material de um andar para outra no ombro, esse saco pesa cerca de 40 quilos, dependendo da obra é utilizado em uma quantidade bem relevante. Nesse ponto, vamos destacar umas das consequências física desse trabalho que é os problemas de coluna, adquirida por boa parte desses profissionais durante os anos.

3.1 As consequências para a saúde

Por se tratar de uma profissão de um esforço intenso é repetitivo, muitos desses profissionais com o passar do tempo desenvolvem problemas sérios relacionados principalmente a coluna e em outros membros como ombro. Solimar Carlos de Sousa é um desse trabalhadores que passam por essa situação, adquiriu um problema sério no seu ombro, que causa muita dor e o impossibilitou de trabalhar. Hoje não trabalha mais como gesso, vive do benefício que recebe em decorrência desse trauma (Benefício por incapacidade), pois seus exames concluíram que o mesmo tem tendinopatia crônica supre espinhal que é uma inflamação dos tendões que perdura por bastante tempo, afeta principalmente pessoas que executam trabalho que inclui gestos repetitivos. Os auxílios são destinados aos trabalhadores com carteira assinada que por meio de um requerimento solicitam uma renda quando por algum motivo estiverem incapacitados de trabalhar, assim a Previdência Social é um seguro social, em que o trabalhador participa através de contribuições mensais, o benefício dessa contribuição e garantir ao trabalhador seguro uma renda na hora que puder mais trabalhar

Diante da impossibilidade de trabalhar teve que recorrer à justiça para que pudesse receber o benefício auxílio doença e, assim, ter condições de pagar os remédios e continuar a manter sua família. Ficou impossibilitado de trabalhar, fez o possível para retornar ao Piauí e ficar próximo da sua família. Muitos quando não podiam mais trabalhar, tomavam a mesma decisão, pois, grande parte já tinha sua casa construída e adquirido alguns bens. Os que não estavam nessa situação, passam por grande

dificuldade, já que, não tinham mais condições de trabalhar e o auxílio que recebiam, embora fosse de grande ajuda, não era muito comparado ao que ganhavam quando podiam trabalhar, mas era suficiente para se manter aqui no Piauí, onde o custo de vida é bem menor em comparação a outras cidades.

Era necessário se adaptar à nova realidade. Solimar Carlos De Sousa, teve que recorrer aos meios legais para o recebimento do benefício auxílio doença em virtude do acidente sofrido pelo mesmo que ocasionou sua incapacitação para o trabalho. Com a assistência do sindicato dos trabalhadores de colônia do Piauí, conseguiu obter esse benefício, hoje vive com o que recebe da previdência social. Embora não seja muito comparado ao que recebia como gesseiro, é o suficiente para se manter aqui no Piauí. São muitos os casos de trabalhadores que passam pela mesma situação, que diante da impossibilidade de trabalhar tem que recorrer aos seus direitos

3.2 As conquistas dos diretos trabalhistas

Entretanto, para que pudesse recorrer a algum benefício, tinham que procura ajuda, é nesse ponto que o sindicato dos gesseiros assumiu papel fundamental no auxílio desses coloniense, tendo como principal sujeito e colaborador para que sua existência, Adjomar Jose Bezerra, até então muitos desses gesseiros quando se machucavam ou ficavam impossibilitados de trabalhar não tinham para quem recorrer, pois, não tinham suas carteiras de trabalho assinada o que dificultava esse reconhecimento.

O motivo que me levou a criar esse sindicato, foi que o gesseiro lá fora em São Paulo, ele não tinha a defesa do sindicato de lá e não era enxergado, não era assistido, ai eu vim embora de São Paulo, vim pra Salvador na Bahia e observei que lá também não era assistido e eu tentei criar esse sindicato em nível nacional, tentei desvincular os estatutos a classe gesseiro dos estatutos da construção civil e tentar criar um sindicato exclusivo só para os gesseiros. Nesse estante o cara ofereceu pra mim criar um sindicato aqui na região da construção civil ,então esse sindicato passou a representar, o gesseiro passou a ser assistido na região, porque eles não era assistido, não tinha uma pessoa que desse uma palavra por eles ,chegavam aqui doentes e não tinha ninguém , não tinha uma pessoa que disse assim “rapaz vou te ajudar ” porque os sindicatos da roça num ajudava de jeito nenhum ,porque eles não eram da classe .No mês de outubro de 2005 e quando foi dia primeiro de novembro eu criei o sindicato, fiz uma reunião na câmara de vereadores de colônia fiz outra reunião no centro de convivência da cidade e criei o sindicato da construção civil.³⁷

³⁷ Adjomar José Bezerra, 49 anos, nascido em 01/05/1970, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, Solteiro, 9 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 03 de outubro de 2019.

A partir do reconhecimento dessa profissão, os gesseiros tiveram um forte aliado na busca pelos seus benefícios, podendo receber seus direitos trabalhistas e ter o seu reconhecimento perante as leis trabalhistas. Por se tratar de pessoas sem muito conhecimento, era necessário ter um órgão que os auxiliasse, dando a poio para que pudessem recorrer aos seus benéficos. Essa mudança é muito importante pois, sem esses benéficos, caso ficassem impossibilitados de trabalha como o caso anterior, passariam por grandes dificuldades tanto para o seu tratamento quando para suprir suas necessidades. Nos dias atuais, muitos desses trabalhadores continuando a exercer sua profissão, passam quatro ou seis meses trabalhando e assim, que conseguem guardar algum dinheiro, retornam ao Piauí, de tal modo a ir vivendo suas vidas lutando diariamente pelos seus anseios.

4. CONCLUSÃO

Um das principais conclusões desse trabalho, é o reconhecimento da importância desses nordestinos na construção do nosso país. Ao esmiuçar a trajetória desses coloniense para o sudeste, vislumbramos as múltiplas situações a qual se submetiam, desde as dificuldades enfrentadas na vida na roça, fato que se constitui como um dos motivos dessa saída, como também suas desilusões e conquistas em meio a essa caminhada em busca de seus sonhos. Diante dessas dificuldades esses jovens sonhadores partiram rumo as incertezas da cidade dos arranha-céus, levando consigo a esperança de aprender a profissão de gesseiro e poder ajudar sua família que tanto acreditou nesse sonho.

As conquistas fazem valer apenas cada gota de suor derramada, cada choro de saudade nas noites frias em São Paulo. Com essa profissão muitos puderam ajudar suas famílias e ter melhores condições de vida. A necessidade de escolher entre estudar ou trabalhar fez com que optassem pelo resultado a curto prazo. Hoje muitos vivem dessa profissão, viajando de uma cidade para outra, deixando um pouco do nordeste por onde passam, seja nas amizades feitas ao longo dessa caminhada ou nas tantas construções que ajudaram a erguer. É inegável a importância desse povo para a construção social e econômica do nosso País.

O Nordeste se faz presente em cada canto do nosso Brasil, povo de sorriso fácil que mesmo com tantas dificuldades vão em busca dos seus sonhos. A partir desse estudo podemos entender como se dá as múltiplas experiências entre as distintas identidades em choque nesse fluxo migratório, as percepções diante do imaginário e a realidade vivida longe de casa. É possível compreender as situações que muitos e muitos nordestinos enfrentam longe da sua terra, desde os problemas quanto a adaptação até a questão emocional. Desilusões, conquistas isso tudo faz parte da trajetória daqueles que anseiam por uma vida melhor, seja qual profissão exerça, o imaginário passa a ser substituído por uma realidade muitas vezes dura, se comprado ao que ansiamos, mas os frutos valem apenas, afinal esses sonhos não são só deles, mas de cada um que acredita e luta por uma vida melhor para si e para sua família.

Essa temática entorno do trabalho sempre me atraiu, a possibilidade de poder pesquisar sobre essa profissão e conseqüentemente dar voz a esses gesseiros, é motivo de euforia. Assim como tantas outras profissões, essa requer abdições e sacrifícios, viver longe da família enfrentando as dificuldades, para depois de muito sacrifício alcançar seus objetivos. Essa inquietude me despertou para a realidade que me rodeia, em que muitos adolescentes tem que tomar a difícil decisão entre estudar ou trabalhar, ambas as escolhas trazem consigo conseqüências permanentes para suas vidas, tanto positivas quanto negativas, desse modo se constroem histórias de vida de muitos nordestinos que sonham e lutam para realizar seus objetivos através de seu esforço.

Concluo a presente monografia, com a satisfação de poder mostra a trajetória desses nordestinos, possibilitando ao leitor compreender quais motivos impulsionaram essa migração para São Paulo, bem como as dificuldades enfrentadas nessa jornada, e as conquistas diante de todo suor derramado em busca de uma vida melhor. A partir do estudo da história do trabalho, migração e identidade são originados vários artigos e trabalhos acadêmicos, bem como esta monografia, que desejamos que seja útil para a historiografia acerca da trajetória da migração de nordestinos para o trabalho em outros estados, que tem uma enorme importância no entendimento da história do nosso país, sobretudo nos estudos referentes ao trabalho e migração .

REFERÊNCIAS E FONTES

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz et al. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes.** 1994.
- BRITO, Fausto. **O deslocamento da População Brasileira para as Metrôpoles.** Estudos Avançados, 2006.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. **A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** História Oral, n. 6, p. 9-25, 2003.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral-memória, tempo, identidades.** autentica, 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** Editora Contexto, 2007.
- GOMES, Sueli de Castro. **Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos.** Imaginário - USP, 2006, vol. 12, no 13, 143-169. Augusto
- FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966.**
- HOBBSAWM, Eric J.; DE DECCA, Edgar Salvadori; HALL, Michael. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária.** Paz e Terra, 2000.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.** GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.
- ISABELA Regina Wanderley Steuer, N.d. (2013) **Aplicabilidade do gesso na construção civil: um estudo de caso sobre drywall no perfil forros e divisórias.** Recife.
- LINDOSO, Pereira, Diego. **Vulnerabilidade e Adaptação da vida às secas: Desafios à sustentabilidade rural familiar nos semiáridos nordestinos.**
- LAPLANTINE François e LIANA Trindade. **O que é Imaginário.** Ed. Brasiliense.
- MOURA, Hélio A.de **A migração Nordestina em Período Recente, 1981-1996**
- MORAIS, Soares Cristina de. **hibridismo cultural: frente e verso dos ritos de passagens dos migrantes retornados piauienses.** _____Teresina, 2007.101 f.
- MEIHY, J.C. **Os novos rumos da história oral: O caso Brasileiro.** Revista de História.2006

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

PAIVA, Odair da Cruz. **Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil moderno, (1930-1950)**. Bauru: EDUSC, 2004. 306 p.

ROMERO, Mariza. **nordestinos em são Paulo nos anos 1950: imprensa popular, ciência e exclusão social**.2014.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 2003).

FONTES ORAIS:

Erivan Irineu de Sousa, 39 anos, nascido em 22/11/1979, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, solteiro, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 01 de outubro de 2019.

Solimar Carlos De Sousa, 38 anos, nascido em 30/07/1981, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, casado com Lauriana Do Nascimento Sousa, 2 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 02 de outubro de 2019.

Adjomar José Bezerra, 49 anos, nascido em 01/05/1970, Oeiras/PI, residente em Colônia/PI, Solteiro, 9 filhos, entrevista concedida em sua residência a Rodrigo Barbosa Domiciano, em 03 de outubro de 2019.

SITES:

Biografia de Francis Lopes. Disponível em :<https://www.letras.com.br/francis-lopes/biografia> .>acesso em 07/08/2020.

Frances Lopes. Lamento de um nordestino: intérprete, Francis Lopes. in. Lopes, frances.1998. (5min50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZvIdWnlWR8k>.>. acesso em: 07/08/2020.

Frances Lopes. A carta: Intérprete, Francis Lopes. In. LOPES, Frances.2002. (6min28s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ACeQdcgAUH0>.> acesso em: 07/08/2020.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
 Monografia
() Artigo

Eu, Rodrigo Barbosa Domício,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Entre a terra da Vaquejada e a cidade dos ananás - céu:
A Injeção dos jovens de colônia do Piauí no trabalho
de gemino em São Paulo, 1996-2009.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de julho de 20 21.

Rodrigo Barbosa Domício
Assinatura

Rodrigo Barbosa Domício
Assinatura